



A Santa Sé

**CARTA DO PAPA FRANCISCO
AO PREPÓSITO-GERAL DA ORDEM DOS CARMELITAS DESCALÇOS
POR OCASIÃO DOS 500 ANOS DO NASCIMENTO
DE SANTA TERESA DE JESUS**

[Multimídia]

*Ao Venerado irmão Padre Saverio Cannistrà
Prepósito-Geral da Ordem dos Carmelitas Descalços*

Querido Irmão!

Na celebração dos quinhentos anos do nascimento de santa Teresa de Jesus, desejo unir-me, juntamente com toda a Igreja, à acção de graças da grande família Carmelita descalça — religiosas, religiosos e seculares — pelo carisma desta mulher excepcional.

Considero uma graça providencial que este aniversário coincida com o Ano dedicado à Vida Consagrada, na qual a Santa de Ávila resplandece como guia segura e modelo atraente de doação total a Deus. Trata-se de um motivo a mais para ver o passado com gratidão, e para redescobrir «a centelha inspiradora» que deu impulso aos fundadores e às primeiras comunidades (cf. [*Carta aos consagrados*](#), 21 de Novembro de 2014).

Quanto bem continuam a fazer a todos nós o testemunho da sua consagração, nascido directamente do encontro com Cristo, da sua experiência de oração, como diálogo contínuo com Deus e da sua vida comunitária, enraizada na maternidade da Igreja!

Santa Teresa é sobretudo *mestra de oração*. Na sua experiência a descoberta da humanidade de Cristo foi central. Movida pelo desejo de partilhar essa experiência pessoal com os outros, descreveu-a de maneira vivaz e singela, ao alcance de todos, porque consistia simplesmente numa «relação de amizade... com quem sabemos que nos ama» (cf. *Vida* 8, 5). Muitas vezes a

própria narração transforma-se em oração, como se quisesse introduzir o leitor no seu diálogo interior com Cristo. A oração de Teresa não era reservada unicamente a um espaço ou momento do dia; surgia espontânea nas ocasiões mais diversas: «Seria uma situação árdua se se pudesse orar só em lugares apartados» (cf. *Fundações* 5, 16). Estava convicta do valor da oração contínua, mesmo se nem sempre perfeita. A Santa exorta-nos a ser perseverantes e fiéis mesmo no meio da aridez, de dificuldades pessoais ou necessidades urgentes que nos chamam.

Para que se renove a vida consagrada hoje, Teresa deixou-nos um grande tesouro, cheio de propostas concretas, caminhos e métodos para rezar que, longe de nos fechar em nós mesmos ou de nos levar só a um equilíbrio interior, nos fazem recomençar sempre a partir de Jesus e constituem uma autêntica escola para crescer no amor a Deus e ao próximo.

A partir do seu encontro com Jesus, santa Teresa viveu «outra vida». Transformou-se numa comunicadora incansável do Evangelho (cf. *Vida* 23, 1). Desejosa de servir a Igreja e diante dos graves problemas do seu tempo, não se limitou a ser uma expectadora da realidade que a circundava. Na sua condição de mulher e com as dificuldades de saúde, decidiu — disse ela — «fazer o pouco que depende de mim... isto é, seguir os conselhos evangélicos com toda a perfeição possível e procurar que as poucas religiosas que estão aqui façam o mesmo» (cf. *Caminho* 1, 2). Assim teve início a reforma teresiana, na qual pedia às suas irmãs que não perdessem tempo negociando com Deus «interesses de pouca importância» enquanto «o mundo está em chamas» (*ibid.*, 1, 5). Esta dimensão missionária e eclesial caracterizou desde sempre as Carmelitas e os Carmelitas descalços.

Como fez outrora, também hoje a Santa nos abre novos horizontes, nos convoca para um grande empreendimento e a ver o mundo com os olhos de Cristo, procurar o que Ele procura e amar o que Ele ama.

Santa Teresa sabia que a oração e a missão não podem ser sustentadas sem uma autêntica vida comunitária. Por conseguinte, o fundamento que pôs nos seus mosteiros foi a fraternidade: «Aqui todas devem amar-se, respeitar-se e ajudar-se reciprocamente» (*ibid.*, 4, 7). Preocupou-se em advertir as suas religiosas acerca do perigo da auto-referencialidade na vida fraterna, que consiste «toda ou quase toda em renunciar a nós mesmos e às nossas comodidades» (*ibid.*, 12, 2) e a pôr o que somos ao serviço dos outros. Para evitar tal risco, a Santa de Ávila aconselhou as suas irmãs, antes de tudo, a virtude da humildade, que não é descuido exterior nem timidez interior da alma, mas que cada um conheça as próprias possibilidades e o que Deus pode fazer em nós (cf. *Relações*, 28). O contrário é o que ela chamou «falso ponto de honra» (cf. *Vida* 31, 23), fonte de mexericos, ciúmes e críticas, que prejudicam seriamente a relação com os outros. A humildade teresiana é feita de aceitação de si mesmo, de consciência da própria dignidade, de audácia missionária, de reconhecimento e de abnegação em Deus.

Com estas nobres raízes, as comunidades teresianas são chamadas a tornar-se casas de

comunhão, capazes de testemunhar o amor fraterno e a maternidade da Igreja, apresentando ao Senhor as necessidades do mundo, dilacerado por divisões e guerras.

Querido Irmão, não quero terminar sem agradecer às comunidades carmelitas teresianas que confiam o Papa com especial ternura à protecção da Virgem do Carmelo, e acompanham com a sua oração as grandes provações e desafios da Igreja. Peço ao Senhor que o vosso testemunho de vida, como o de santa Teresa, deixe transparecer a alegria e a beleza de viver do Evangelho e atraia muitos jovens para seguir Cristo de perto.

A toda a família teresiana concedo de coração a minha Bênção Apostólica.

Vaticano, 28 de Março de 2015.

Francisco